

DAS REVISTAS

cos no Brasil (Geografia) — A genesis e a distribuição dos povoadores de São Paulo (idem) — A propriedade fundiaria rural no Estado de São Paulo (idem) — Os primeiros povoadores de São Paulo

alta So-
o no 8.º
propriedade
soffrem
endo-se,
distribui-
mos de
o, e 32
conjun-
tamente a
nais de
a total
rio que
proprie-
ficante;
ado, só
ilmente

causas
ção —
s de S.
a de-
diz o

o geral
nos ofi-
cia em
riedade.
é que
a eco-
da é a
to esta
riedade
desempe-
papel
o Esta-
lavou-
a pauli-
nos re-
900, ou
perten-
pés ou
riqueza
entrada
e pre-
me da

grande lavoura na economia agrícola de São Paulo é sufficiente para explicar a estrutura actual da propriedade fundiaria paulista. Grande lavoura é synonymo de grande propriedade".

*

Ainda nesse primeiro fasciculo de "Geografia", o sr. Rubens Borba de Moraes fornece "contribuições para a historia do povoamento em São Paulo até fins do seculo XVIII.

Existe, entre os paulistas em geral, diz o autor, uma certa tendencia para considerar a expedição de Martim Affonso de Souza como uma descoberta do territorio paulista. A fundação de São Vicente pela armada affonsina é estudada por muitos historiadores no mesmo plano que a descoberta do Brasil por Alvares Cabral. E' erro, no entender do autor. E' erro grave não se considerar com bastante attenção tudo quanto existia antes de Martim Affonso.

Esse passado obscuro é de tal maneira importante que um estudo do povoamento do territorio paulista precisa principiar pelo historico da situação "antes de Martim Affonso". Assim, o autor faz uma divisão nessa prehistoria: 1.º, os indios; 2.º, os habitantes europeus chegados antes da armada de 1532.

Os indios, que habitavam o territorio paulista, não eram tão

nomades quanto a muitos parece. Sabe-se que não viviam exclusivamente de caça e pesca. Possuam já uma agricultura que os fixava a um determinado territorio. Tinham uma noção muito viva dos limites do seu "palz", e guerrevam sem dó aquelles que tentassem ultrapassar suas fronteiras. Viviam em aldeias fortificadas. Em certas épocas do anno no momento da abundancia de certas frutas do mato, na estação propicia á pesca de certos peixes, partiam em grandes expedições á procura desses alimentos para voltarem mais tarde ás suas aldeias. Seguiam caminhos certos e sempre os mesmos. Caminhos esses que existem até hoje trilhados pelas nossas estradas de ferro e nossos automoveis.

A influencia indigena em São Paulo — prosegue o autor — foi tão consideravel que ella se faz sentir em quasi todas as manifestações de nossa civilisação. Não só, por exemplo, na maneira de construir a casa, de pau a pique, como tambem, cremos, até nessa nossa fala descansada que confundem "r" e "l" característico do nosso bom sotaque paulista.

No planalto, tendo como centro Piratininga, imperava o guayaná. Suas fronteiras não iam, ao Norte, além do divisor Tieté-Parahyba. No litoral, de Cananéia até as proximidades de Ubatuba. Do outro lado dessas fronteiras, ao sul, reinavam os Carijós. Ao norte, esparçados pelo Valle do Parahyba, e atravessando a serra até Ubatuba, viviam os Tamoyos. Os indios do planalto usavam para se communicarem com o litoral de tres grandes caminhos: o primeiro, de Piratininga ao Cubatão, trilhado pelos Guayanzes; o segundo, de

Taubaté a Ubatuba usado pelos Tamoyos, e o terceiro ao sul percorrido pelos Carijós.

E' dentro desse territorio pequeno, desse palz de Guayanzes, que se vae desenvolver o mame-luco paulista, num esforço continuo para alargar suas fronteiras até leval-as aos seus limites naturaes de grandes rios e serras e viver dentro delle tão estranhamente isolado durante os primeiros seculos.

Mas não era somente povoado esse territorio de indios, antes de aqui aportar Martim Affonso de Souza.

Naufragos, aventureiros de toda sorte já estavam, nas primeiras decadas do seculo XVI, estabelecidos no litoral e até serra acima. Formavam tres nucleos: São Vicente, Cananéia e Santo André. Desses tres nucleos o mais importante foi S. Vicente. Servia já naquelle tempo de porto de refresco obrigatorio para as armadas em demanda do Rio da Prata. Possuia recursos consideraveis, tendo em conta a época e o lugar. Alonso de Santa Cruz não herita em chamal-o de "pueblo de San Vicente". Descreve o seu aspecto parecido com o de uma aldeia portugueza do seculo XVI com torre de defesa de pedra. Possuia um estaleiro rudimentar para concertos de navios e até fabricação de bergantins. Seus habitantes europeus cultivavam para seu sustento e para vender aos navios de passagem, não só os mantimentos da terra como verduras europeas. Criavam galinhas e porcos. São Vicente já era enfim uma verdadeira aldeia, um nucleo de povoamento europeu, o primeiro em toda a costa da America Portugueza.

Quando aos dois outros, parecem ter tido uma importancia bem menor. Conheciam-se sobretudo pelas rotas de seus principes habitantes, o misterioso bacharel de Cananéia e João Ramalho.

A missão de Martim Affonso não foi portanto de fundar um nucleo de povoamento; mas mui habilmente de se aproveitar do que já existia, de se servir da base, de

lhe dar uma vida official e localisar, dentro desses nucleos, os povoadores importados. Não é fundador, é colonizador. E' o espirito pratico, conhecedor das realidades, que sabe se aproveitar da oportunidade unica de apoiar sua colonisação em homens adaptados ao palz e que vão em grande parte garantir-lhe o successo.

S. Vicente, devido á sua situação de porto de mar, prospera rapidamente. E' delle que vae partir a onda povoadora. Já em 1545 Braz Cubas funda a cidade de Santos em lugar bem escolhido. Mais tarde, em tempos já de Thomé de Souza, Santo André, á bocca do sertão, atrás de seus muros de pau a pique e taipa, constantemente atacado pelos indios, torna-se um verdadeiro castello forte de fronteira.

Em torno desses nucleos já se abrem as roças. Já se fundam os engenhos de assucar, já se cria um povoamento rural. O colono lavra a terra e defende sua fazenda de armas na mão contra o indio.

Mas em meados do seculo XVI apparece um novo factor do povoamento com um verdadeiro methodo de colonizador: o jesuita.

Refere-se o autor á obra de Nobrega e de Anchieta, ás primeiras povoações de fundação particular: Parahyba (1580), Mogy das Cruzes, Juquery, Itanhaem, Xiririca, Iguape, e ás localidades em torno da futura capital: M'Boi, Santo Amaro, Pinheiros, Guarulhos, Capriculha, Itaquaquecetuba, S. Miguel, etc.

Essa, eschematicamente, a situação dos nucleos de povoamento de S. Paulo em fins do seculo XVI.

Trata em seguida dos seculos XVII e XVIII, de João Ramalho, da aldeia de indios, das semarias e fazendas, da influencia da capella e dos pousos, etc.

Ainda no mesmo numero de "Geografia" se encontram estes estudos dignos de leitura: A citricultura em S. Paulo, por Carlos Wright; Formações estruturales, particularmente karsticas do municipio de Aphiay (Estado de São Paulo), por Theodoro Knecht; Concentração japonesa em S. Paulo, por Eddy de F. Crissiuma.

*

Revue des Deux Mondes, 15 de Maio: O néo paganismo allemão, por Albert Beguin; Como o serviço de tres annos foi restabelecido

em 1913, por Maurice Paléologue; Victor Hugo e a vida futura, por Paul Berret; Estudantes de Paris, por Odette Pascaud; A exposição de Paris em 1867, por Y. H. de la Laurière; Edgard Milhaud ou a injeção da riqueza, por Claude Bourdet; A febre curativa, por Pasteur Vallery-Rador; O salão de 1925, por Louis Gillet; O sr. Georges Claude e a energia thermica dos mares, por Maurice d'Ocagne; Historia politica, de René Flinou, etc.

*

Le Mois, Abril: O movimento camponez e o regimen, por H. Doriges; Wladimir P. Potemkine, o constructor da paz nova; A aproximação franco-sovietica; Confusão na Hespanha; O general Gombos, senhor da Camara húngara; A crise de confiança em França, por Paul Elzig; O sr. Paul Van Zeeland ou a Economia no poder; E a marinha do Reich?, pelo almirante Degony; O Padre Gillet, geral da ordem dos Dominicanos; ou a caridade da intelligencia; O rearmamento official da Allemanha e as suas consequências technicas; A condição da mulher na U. R. S. S.; A evolução ethiopiaca; Literatura proletaria, por Henry Poulaille; Paul Claudel; A literatura catholica no mundo; Novos pontos de vista sobre a historia da revolução franceza; A alma dos animaes; A crise da pintura, por Charles Bernard; Igor Strawinsky; A arte e o Estado; Ha uma pintura judia?; As atmosferas das plantas; A natalidade e a despovoação da França; O sangue e o cancro, etc.

*

La Tribune des Nations, 8 de Maio: A politica europea, por Henry Beranger; O problema do momento, por J. Paul Boncour; De Varsovia a Moscova, por Jean Thonvenni; A S. D. N. póde reprimir rapidamente uma aggressão?, por Michel Pobers; A nova Hespanha de Gil Robles, por B. Savigny; O sentido do imperio na Inglaterra; Lawrence, por E. Marsau; O assalto feminino; O memoravel jubileu do rei Jorge V da Inglaterra, por L. Borgex; O fisco e o casamento, por H. Lesneven; Gogol, por Armory; Moeda e produção de guerra, por Joseph Dubois; Os Estados Unidos e os cubolos, por R. Suel; A mulher jugoslava, por F. Hutzler, etc.

P. J.

Estado 5-VI-935

CMP 21.8.63